

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA

STAR WARS DAY
**MAY THE 4TH
BE WITH YOU**



A força (sempre) está conosco

No **dia mundial de Star Wars**, o Correio da Manhã dimensiona o **tamanho do universo em torno dessa franquia** que tem como maior novidade do ano o lançamento de **'Mandaloriano & Grogu'**, novo filme da saga. Seu **diretor, Jon Favreau**, falou sobre o projeto com **exclusividade ao repórter Pedro Sobreiro**. Págs 2 a 4



Jon Favreau dirigindo o ator Pedro Pascal (Mandaloriano) e o pequeno Grogu animatrônico nos sets de filmagem de 'Star Wars: O Mandaloriano e Grogu'

'Os fãs querem uma **história boa de verdade**'

O diretor Jon Favreau revela o desafio de migrar uma série para a telona e suas metas na franquia 'Star Wars'

PEDRO SOBREIRO

Em 21 de maio, os fãs brasileiros voltarão aos cinemas para conferir 'Star Wars: O Mandaloriano e Grogu', novo capítulo de 'Guerra nas Estrelas', dá continuidade aos eventos da série 'O Mandaloriano', fenômeno de público e crítica do Disney+. Após três temporadas, o Mandaloriano chega às telonas ao lado do bebê mais amado dessa galáxia muito, muito distante: o Gro-

gu. Ambientada após os três filmes originais da franquia, essa aventura acompanha Din Djarin (Pedro Pascal), o Mandaloriano, que viaja de planeta em planeta com Grogu, atuando como caçador de recompensas. Dessa vez, com a queda do Império, a dupla vai atrás de antigos guerreiros imperiais que vivem escondidos nos confins da galáxia.

A convite da Lucasfilm, o Correio da Manhã foi o representante brasileiro numa roda de conversa exclusiva com o tarimbado diretor Jon Favreau (de "Homem de Ferro"), que

compartilhou as responsabilidades que, enquanto fã da saga, o guiaram neste projeto.

"A gente tem que entender que há pessoas que não são velhas o bastante para terem visto 'Star Wars' nos cinemas. Estamos falando de gente que nunca viu ou talvez só tenha visto em casa, mas eu quero que essas crianças sintam o que eu senti quando vi 'Star Wars' pela primeira vez. Para mim, essa é uma das responsabilidades no filme. Muitas pessoas associam a saga a um conteúdo que você assiste em casa. Embora, para mim, a franquia sempre tenha sido sobre multidões apaixonadas. Então,

temos que apresentar novos públicos a esse 'Star Wars', mas também temos que dizer às pessoas que isso é algo que você, se tirar um tempo para ir ao cinema, terá uma experiência recompensadora", comentou o realizador.

Outra novidade é que pela primeira vez na saga o público verá personagens que nasceram no streaming ganhando uma chance nos cinemas. Para Favreau, criador da série, a grande diferença dessa transição foi ter mais tempo para trabalhar e criar a melhor experiência possível. "A diferença entre um programa de TV e um filme, especialmente quando o programa de TV é bem cinemato-

gráfico, é que tínhamos duas coisas a nosso favor. Uma é o tempo. Durante a série, nós tínhamos menos de um ano para entregar as temporadas, então tivemos que desenvolver tecnologias como o 'The Volume' [tela de LED que projeta cenários em profundidade, substituindo as telas verdes] que nos permitiu construir efeitos e cenários na própria tela para que pudéssemos entregar o projeto e obter qualidade cinematográfica em metade do tempo. Para o filme, tivemos muitos anos para trabalhar, o que significava que poderíamos construir cenários. E ao construí-los, poderíamos ter diferentes e mais elaboradas sequências de ação. Estávamos começando a ser limitados pelas restrições de filmar com o paredão de vídeo, mas agora temos cenários gigantes: selvas, poços de água... E fomos para locações. Não podíamos fazer nada disso antes", destacou o diretor, que também adotou a tecnologia IMAX.

"A outra grande diferença é a proporção da tela, o IMAX é um grande negócio agora. Tipo, 'Star Wars' tra-

Sabore de luz em punho

Mercado se inunda de colecionáveis baseados na saga estelar de George Lucas, nos festejos do 'Dia Star Wars', com filme novo, série com Wagner Moura e muitos quadrinhos dos Jedi

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Já está aberta, no Ingresso.com, a venda de tíquetes para "O Mandaloriano e Grogu", o novo capítulo audiovisual da saga "Star Wars", que, nesta segunda-feira, deve impulsionar a busca (leia-se compra) pelos mais variados produtos – sobretudo entradas de cinema – em meio à celebração do 4 de Maio, o Dia de Guerra nas Estrelas. Tem bonequinho, caneca, pantufa, camisetas e até pipoqueiras com as personagens derivadas do universo criados por George Lucas em destaque nas lojas (físicas e virtuais), nesta efeméride nerd.

É inclusive uma data sagrada para os adeptos do Jediísmo, uma religião (à vera, com evangelho e tudo) que ganhou notoriedade a partir de um censo realizado na Inglaterra, em 2001. Essa comemoração tem a ver com um trocadilho inerente ao bordão da Ordem de Cavalaria Jedi: "Que a Força esteja com você!". Em inglês, a fala é "May the Fourth be with you" (literalmente "Que o Quatro de Maio esteja com você!"). Daí nasceu, informalmente, uma festa na qual a Lucasfilm e, atualmente, sua parceira, a Walt Disney Company, pegaram carona.

Tem lançamentos dos mais variados com a grife de Darth Vader e cia., com destaque para a série de animação "Darth Maul – Lorde das Sombras", atual fenômeno do Disney+. Wagner Moura está nela, como intérprete do policial estelar Brander Lawson. Dois novos episódios serão lançados esta manhã.

Fora isso, action figures (bonecos para colecionadores) de seu vilão inundam a internet. Sairá ainda um quadrinho com o personagem: "Star Wars: Darth Maul - Preto, Branco E Vermelho". A Panini Comics lança essa HQ aqui em junho, inspirada pelo furor popular do seriado. O herói com a voz de Wagner (nos EUA) tem peso determinante



'Star Wars: Maul – Lorde das Sombras' é a febre animada do momento na Disney Plus, com Wagner Moura no elenco de vozes



na trama.

A fim de manter a lei no cosmos, apesar do domínio do Império, Lawson participa da cruzada de vingança de um caído Lorde Sith (um Jedi do mal), que usa um sabre de luz de duas lâminas. Foi Maul quem matou Qui-Gon Jin (Liam Neeson) em "A Ameaça Fantasma" (1999), o longa-metragem que abriu a segunda trilogia de "Star Wars", que vai do fim dos anos 1990 até 2005 – embora, cronologicamente, sua trama



O malvado Darth Vader em cena de 'O Império Contra-Ataca', de 1980

seja a gênese daquela dramaturgia. Lucas rodou esses três filmes, mais o primeiro (chamado "Episódio IV: A Nova Esperança"), lançado em 25 de maio de 1977. JJ Abrams produziu os últimos, entre 2015 e 2019, e filmou dois deles. Não chegou nem aos pés do que Lucas gerou.

Quando passou pelo Festival de Cannes de 2012, para a exibição de "Esquadrão Red Tails" (do qual foi produtor), George Walton Lucas Jr. anunciou sua aposentadoria do



Em meio à celebração do 4 de Maio, o Dia de Guerra nas Estrelas, tem gibi, bonequinho, caneca, pantufa, camiseta e até pipoqueira temática

mercado cinematográfico e cumpriu com o anúncio. Embora seu nome ainda circule por diferentes mídias, associado ainda a outra amada franquia da cultura pop – "Indiana Jones" –, o mítico cineasta chegou aos 81 anos sem interesse em encarar os meandros atuais de um mercado que ajudou a reconfigurar. Mercado esse que, atualmente, a cada 4 de maio, louva seus feitos gloriosos – com homenagens, sessões especiais e comércio pesado.

Em 2024, ele ganhou uma Palma de Ouro Honorária de Cannes.

A láurea demarcou seu lugar como realizador autoral na revolução estética conhecida como Nova Hollywood (1967-1981), quando uma leva de jovens cineastas (Martin Scorsese, Brian De Palma, Elaine May, Francis Ford Coppola, Steven Spielberg, Bob Rafelson) transformaram o modo de se filmar nos Estados Unidos, engajando as narrativas filmicas a debates sociológicos, modificando a forma de se narrar ao desafiar convenções moralistas.

"No fim da década de 1960, as lideranças dos grandes estúdios estavam se aposentando. Suas empresas foram vendidas para grandes corporações de outros ramos, como a Coca-Cola, que não entendiam o ofício cinematográfico, encarando-o apenas como um negócio. Os novos executivos que chegaram resolveram contratar uma turma de jovens estudantes de Cinema para ocupar as brechas criativas. Eu era um deles", disse Lucas numa masterclass em Cannes. "A minha geração não fazia filmes para ganhar dinheiro, a gente filmava pelo desejo de fazer cinema. Nós amávamos filmes".

O amor planetário por "Star Wars" será alimentado pela estreia de um longa com Ryan Gosling agendado para 2027 (na celebração dos 50 anos da franquia) chamado "Starfighter", dirigido pela máquina de lucrar Shawn Levy (de "Deadpool & Wolverine"). O astro brilha hoje nas telas em "Devoradores de Estrelas". Tem um longa chamado "A Origem dos Jedi" em ponto de bala para ser filmado, com James Mangold (de "CopLand") no radar. No Disney Plus, a série "Andor", com Diego Luna, é um ímã de fãs. Em breve estreia lá uma nova temporada de "Ahsoka", com Rosario Dawson.

No Brasil, a Panini alimenta a paixão pelo legado de Lucas com os álbuns gráficos "A Batalha de Jakku" e "Ahsoka". Pós à venda ainda o orbrigatorio "Star Wars: Visions".

CRÍTICA DISCO | ME DEIXA SER O SEU PARCEIRO

POR **AQUILES RIQUE REIS***

No momento em que tudo parecia perdido, busquei socorro em pensamentos bons, em episódios alegres. Delírio ou realidade, pouco importava. Pela necessidade de espantar o baixo astral, só pensei coisas bonitas.

Bem, o que pode ser mais comovedor do que o olhar de um filho para o pai? A ternura traduzida na necessidade de guardar a imagem daquele que o ajudará a crescer, e o protegerá dali pra frente, é tão bela quanto a confiança que o menino tem na fortaleza daquele homem impregnado de amor: imagem imortalizada no tempo infantil.

E quanto ao pai levando o filho para uma volta na calçada, o menino sentado no carrinho, olhando em frente, olhando para até onde os olhos alcançam? Quanto carinho teria ali? Talvez, pensando lá com seus botões, o menino sonhasse que futuro estava chegando. E, sem ter por quê, nem pra quê, ele olha para trás, buscando visualizar o pai, certificar-se de que ele o conduz para a vida que imagina estar logo ali na esquina. Assim, ao longo do passeio eternizado, volta e meia faz contato com os olhos do pai que cantarola baixinho alguma música bem linda. Eis que a vida presente os aprontará para o amanhã que os terá eternamente juntos.

Decerto tal devaneio decorre do fato de eu ter aqui comigo o



Pai e filho, Celso e Pedro Viáfora lançam 'Me Deixa Ser O Seu Parceiro', registro de show homônimo

álbum independente de Celso Viáfora e Pedro Viáfora, "Me Deixa Ser o Seu Parceiro", registro de um

show homônimo, gravado ao vivo no Centro Cultural São Paulo. No palco, pai e filho sideram a plateia

– Nilza e eu estávamos lá.

Cada sorriso, após momentos alegres do show, é uma declaração

de amor. Cada composição criada em parceria aproximou a trajetória de Pedro do seu pai. Tudo acrescido pelos quinze anos de carreira solo e no coletivo 5 a Seco. O álbum tem parcerias feitas pelos dois e de cada um individualmente, assim como algumas com diversos parceiros.

Celso é um grande arranjador, o que se comprova em seus 45 anos de carreira e nos doze álbuns já lançados. Em "Me Deixa Ser o Seu Parceiro", ele volta a compor e a criar a maioria dos arranjos. Alguns são de Neymar Dias, para um quinteto de cordas formado por Daniel "Cuca" Moreira, primeiro violino, Wassi Carneiro, segundo violino, Êmerson De Biaggi, viola, Vana Bock, violoncelo, além de Igor Pimenta no baixo acústico e Gabriel Alterio na percussão.

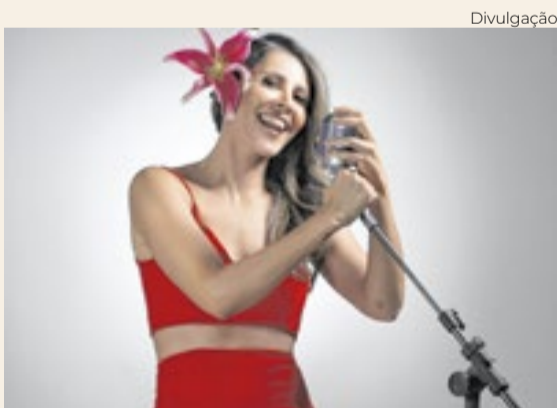
Registro: conheço Celso há mais de trinta anos, assim como conheço Pedro desde pequeno. Sempre senti entre eles um laço de profundo amor fraternal. Pois bem, hoje, Celso é um compositor e escritor consagrado, e Pedro, um músico louvado pela contemporaneidade que só um jovem talentoso pode ter.

sendo assim, a qualidade das atuações ao vivo de Celso e Pedro, e de todo o grupo, dá ao trabalho um sonoro e delicioso respiro de virtude estético cultural. Um trabalho com tal sinceridade musical e poética que o qualifica para ser apontado como um dos melhores álbuns ao vivo de 2026.

Ouçã o álbum em <https://11nk.dev/kx3yzmt>.

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**



Versão em espanhol

Izabella Rocha, ex-integrante da banda Natiruts, acaba de lançar o single "Solta Pelo Mundo". A faixa mistura MPB e reggae pop com influências de soul e bossa nova, apresentando um riff de guitarra tropical que carrega a essência brasileira. A canção convida a refletir sobre diversidade cultural e as experiências que o mundo oferece. O lançamento também ganha versão em espanhol, ampliando alcance no mercado latino-americano. A faixa marca nova fase da carreira solo da artista, consolidada após dez anos no grupo.



Dueto com Falcão

"Maré De Sorte" é um dos destaques do álbum "Inimaginável", que Rodrigo Melim acaba de lançar em sua estreia solo. A faixa, gravada com Marcelo Falcão, ganhou remix inédito produzido pelo DJ Molla. "No final dos shows da Melim, a gente sempre colocava nossos remixes para tocar enquanto tirava selfies com os fãs. Era um momento muito divertido, leve e de troca com o público. Tive vontade de trazer isso para o álbum e para meus shows. O remix de 'Maré De Sorte' nasceu muito desse lugar", explica o artista.



Na batida do Sly

Os Caramelows lançam "Um Táxi para Dunbar", single que inaugura imersão no reggae-dub psicodélico e reforça identidade instrumental do grupo. Com lançamento exclusivo em audiovisual no YouTube, a faixa presta homenagem ao baterista jamaicano Sly Dunbar, trazendo groove rockers e atmosfera contemplativa com desfecho de matrizes africanas. Gravada no Estúdio Karô, o vídeo foi dirigido por Pedro Pipano. A bateria de Péricles Zuanon incorpora estilo revolucionário do músico jamaicano.

Medeia e Jasão num confronto sem saída

Rodrigo Menezes/Divulgação

Dramaturgia de Diogo Liberano, em cartaz no Teatro Firjan Sesi, subverte o mito deste casal trágico da mitologia grega



Carolina Pismel e Paulo Verlings desdobram outras presenças sem recorrer a marcações fixas, criando campos de instabilidade

Quando Eurípedes e Sêneca terminavam suas tragédias sobre Medeia, a personagem desaparecia em um carro alado, deixando para trás uma história que parecia encerrada. A dramaturgia inédita de Diogo Liberano, em cartaz no Teatro Firjan Sesi Centro, faz exatamente o oposto: segura Medeia e Jasão no mesmo espaço, obrigando-os a permanecer diante daquilo que ainda não foi resolvido. É uma aposta de risco — transformar o que deveria ser um fim em um confronto sem saída.

O mito de Medeia e Jasão permanece como uma das narrativas mais perturbadoras da antiguidade. Ela abandonou sua terra e rompeu com a própria família para ajudar o herói a conquistar o tosão de ouro. Depois, foi descartada quando Jasão decidiu casar-se com a filha do rei de Corinto em busca de prestígio social. A resposta da personagem — marcada por uma vingança extrema — transformou o mito em reflexão duradoura sobre exclusão, poder e condição feminina. Na leitura de Eurípedes (480-406 a.C.), Medeia deixa de ser simples monstruosidade para se afirmar como voz trágica de uma mulher estrangeira e humilhada, cuja dor expõe as fissuras morais de uma sociedade patriarcal. Ela é aceita enquanto útil e rejeitada quando se torna inconveniente. Ferida por uma estrutura de poder que a marginaliza por ser mulher, estrangeira e sem proteção política, sua vingança impede leituras simplificadoras: ela não cabe nem na figu-

“O ponto foi indagar por qual motivo Medeia é simplificada como uma mãe assassina e uma mulher vingativa”

DIOGO LIBERANO

ra da vítima passiva nem na da vilã absoluta. Sua ambiguidade é o que sustenta sua atualidade.

Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.), filósofo e dramaturgo romano, ofereceu uma interpretação diferente do mito, com ênfase em aspectos psicológicos e morais. A diferença de cerca de 450 anos entre os dois dramaturgos reflete como o mito foi reinterpretado em contextos culturais distintos — a Grécia clássica e o Império Romano. A escolha de Diogo Liberano em dialogar com ambas as versões é estratégica em sua dramaturgia, que começa justamente onde as tragédias clássicas terminam. Em vez de permitir a partida, a peça interrompe esse desfecho. Em uma casa comprimida no espaço e no

tempo, os dois se reencontram. Do lado de fora, uma cidade em convulsão; do lado de dentro, um ar denso, onde memória e linguagem parecem não avançar. É nesse ambiente instável que o mito — amplamente conhecido pelo gesto extremo de uma mãe que mata os próprios filhos — é colocado sob tensão. E se essa história, tal como chegou até nós, não tivesse sido devidamente contada?

A peça se constrói como um confronto direto entre as duas figuras, interpretadas por Carolina Pismel e Paulo Verlings. Os atores atravessam diferentes registros de atuação e linguagem. Ao mesmo tempo em que encarnam Medeia e Jasão, também desdobram outras

presenças — como o rei Creonte — sem recorrer a marcações fixas, fazendo do próprio jogo cênico um campo de instabilidade e transformação. Para o diretor Paulo de Moraes, “o grande desafio junto aos atores é manter sempre pulsante essa troca constante entre contar e viver a história de Medeia e Jasão”.

A encenação organiza um sistema em que luz, trilha sonora, figurino e espaço não ilustram a ação, mas operam como extensão das rubricas do texto. A pequena casa em cena, longe de qualquer realismo, funciona como um dispositivo de pressão: um lugar onde o passado insiste, onde as versões colidem e onde o tempo parece poder ser interrompido. A linguagem do texto acompanha esse movimento. Partindo de um registro mais formal, associado à tradição trágica, o texto desloca progressivamente sua forma de dizer, aproximando-se de uma fala mais direta, sem abandonar a densidade que sustenta o embate.

A dramaturgia refaz e atravessa momentos centrais das tragédias clássicas — o primeiro encontro

entre Medeia e Jasão, as negociações para o casamento do herói com a princesa Creusa — ao mesmo tempo em que inventa situações que nelas não aparecem. Ao avançar a partir dos desfechos consagrados, o texto desloca o foco da ação para aquilo que resta: o que não foi dito, o que foi transformado em versão dominante. Nas palavras do dramaturgo, “escrever Medeia hoje jamais poderia ser um ato para tornar o texto mais palatável. O ponto foi indagar por qual motivo Medeia é simplificada como uma mãe assassina e uma mulher vingativa. Por que as violências que ela sofreu são menores que os crimes que cometeu? Escrever outra versão para Medeia é reconhecer, com dificuldade, que o mundo não é o mesmo e está mudando”.

SERVIÇO

MEDEIA

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha nº 1, Centro)
Até 2/6, às segundas e terças (19h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

A grande mãe do vinho argentino

Primeira enóloga da Argentina, Susana Balbo elaborou maravilhas com sua linha Crios

AFFONSO NUNES

No universo do vinho, poucas figuras representam tão bem a fusão entre técnica, sensibilidade e legado quanto a argentina Susana Balbo — enóloga pioneira, mãe, empresária e referência na vitivinicultura de seu país. Neste Dia das Mães como não lembrar sua trajetória? Assim como as mães moldam, educam e nutrem sua prole, Susana moldou sua carreira com resiliência e afeto, fazendo de cada um de seus rótulos uma extensão de sua história familiar.

A maternidade sempre esteve entrelaçada ao caminho profissional de Susana. Primeira mulher a se formar em Enologia na Argentina, ela enfrentou um ambiente tradicionalmente masculino com



Argentina Wines

Susana Balbo representa, como poucos, a fusão entre técnica e sensibilidade na produção de seus vinhos

a mesma firmeza serena das mães que estabelecem rotas onde antes não havia estrada. Idealizou a linha Crios em homenagem aos filhos, José e Ana, que hoje trabalham ao seu lado na gestão da vinícola. O nome, que remete a “crias”, simboliza o vínculo entre gerar, formar e acompanhar — seja pessoas, seja vinhos. Linha de entrada no port-

fólio da bodega, a Crios traz essa simbologia das mãos que dão vida, cuidam e orientam.

A história de Susana vai além do afeto. Ela foi uma das responsáveis por elevar a uva Torrontés ao

patamar de ícone argentino, interpretando seu potencial aromático e convertendo-a em um símbolo do país. Esse protagonismo aparece em seu Crios Torrontés, vinho de frescor, delicadeza e notas vibrantes de maracujá, lichia e flores brancas — ideal para momentos leves, harmonizando com sushis, mariscos e pratos defumados. A mesma

delicadeza se reflete no Crios Rosé, elaborado a partir da emblemática Malbec, com aromas de morango e cereja, que acompanha saladas, petiscos e carnes brancas com frescor e suavidade.

As crias de Susana chegam ao Brasil pelas mãos do Grupo Cantu Wine, cujo catálogo inclui opções mais cremosas, como o Crios Chardonnay, branco que combina acidez fresca a toques sutis de carvalho, criando um equilíbrio com massas leves, peixes grelhados, queijos de média intensidade e empanadas. E para paladares que busca intensidade, o Crios Malbec reflete a expressão mais tradicional da região de Mendoza, com uvas colhidas manualmente ao pé da Cordilheira dos Andes, estágio de oito meses em barricas de carvalho francês que entregam aromas de violetas, cerejas, mocha e especiarias — um vinho encorpado, profundo, com personalidade.

O cuidado com a terra, outro gesto que ecoa a lógica da maternidade, aparece no Crios Sustentia Malbec, um tinto orgânico que une tradição e consciência ambiental, com notas de frutas vermelhas frescas, principalmente framboesas, e excelente afinidade com carnes grelhadas e pratos de caça.

E para ocasiões mais especiais, a enóloga apresenta a linha Susana Balbo Signature, entre eles o elegante Signature Rosé, um dos rosés mais bem pontuados da Argentina. De estilo provençal, é fresco, mineral e aromático, elaborado com Malbec e Pinot Noir em um perfil delicado que comprova a habilidade de Susana em combinar técnica refinada e sensibilidade estética.

Susana Balbo, mãe de filhos e de vinhos, significam força e ternura.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Absurda chega à Ipanema

A Absurda Confeitaria, um must do Leblon, chega agora à Rua Garcia d'Ávila, na vizinha Ipanema, na primeira quinzena de maio. Com apenas 16 lugares, o novo espaço promete combinar o formato compacto com uma ambição sem medidas. A proposta da nova unidade oferece café da manhã, almoços leves e uma vitrine de doces já conhecidos na cidade. Os pães também entram no menu, ampliando a oferta da casa. Pequena no tamanho, a confeitaria promete uma experiência completa para os clientes.

Caipirinhas no Masi

O Masi abre as portas para uma experiência que une técnica, história e sabor. A partir desta quarta (6), o mixologista Tancredi Dellutri comanda a masterclass Cachaça & Caipirinha, série de encontros quinzenais pensada para quem deseja dominar o preparo do drinque. Com cerca de 1 hora de duração, o percurso começa com um shot de boas-vindas e uma breve imersão na história da cachaça. O ponto alto da aula é o momento “mão na massa”, em que cada aluno é convidado a preparar sua própria caipirinha sob orientação profissional.



Matheus Ramos/Divulgação



Tomás Rangel/Divulgação

A casa dos kebabs

O Mandala Kebabs, projeto, criado pela restauradora Yhasmin La Porta e pelo chef Lucas Calvet (ex-Comuna), agora expande horizontes com abertura em novo endereço localizado num casarão histórico de dois andares no Humaitá. O menu chega assinado a quatro mãos por Lucas e a chef Lailla Vianna (ex-CamO'n) e a carta de drinques é criação da premiada mixologista Laura Paravato. Os destaques continuam sendo os kebabs no pão artesanal, além de novos pratos, entradas e sobremesas autorais.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Buuuuuu!

Dizem que o Rio de Janeiro é feito de luz — e é. Mas quem caminha devagar, quando a cidade começa a cochichar em vez de gritar, percebe que há também uma penumbra delicada, quase elegante, onde moram certas presenças que não foram embora. Não se trata de assombração de almanaque, dessas que batem correntes ou arrastam passos. Os fantasmas cariocas são mais discretos: preferem a brisa do fim de tarde, o ranger antigo de uma janela em Santa Teresa, o eco de um salto alto esquecido nos corredores de um prédio da Lapa.

Há quem jure que, nas madrugadas úmidas, uma dama de vestido claro atravessa o Passeio Público, como se ainda aguardasse uma carruagem que nunca chega. Outros falam de um velho cronista que insiste em revisar, invisível, as notícias do dia, sentado à mesa de um café que já não existe — desses que sobreviveram apenas na memória e no cheiro imaginado de café forte. No Rio, o passado não passa: ele se acomoda nas esquinas, encosta nos azulejos, pede licença e fica.

Na Glória, contam sobre passos que sobem escadas que ninguém mais usa. Em Botafogo, uma janela que acende sozinha, sempre na mesma hora, como se alguém, do outro lado do tempo, ainda cumprisse sua rotina. Não há medo nessas histórias, apenas uma estranha familiaridade. Como se os vivos e os mortos dividissem o mesmo bairro, cada qual no seu turno.

Talvez seja o mar o grande cúmplice. Ele devolve o que a cidade tenta esquecer — sons, nomes, promessas. A maresia corrói o concreto, mas também preserva lembranças. E, assim, o Rio segue: solar à superfície, melancólico nas entrelinhas. Uma cidade onde até os fantasmas parecem ter aprendido a sorrir de canto, como quem sabe que a eternidade, aqui, tem vista para o Pão de Açúcar.

No fim, suspeito que essas lendas não falem exatamente de quem morreu, mas de tudo aquilo que ainda insiste em viver. Porque no Rio, até o invisível tem história — e, vez ou outra, passa por nós sem fazer barulho, apenas para lembrar que nunca foi embora de verdade.

Meninos, eu vi!

